



Olhares sobre a história escolar no ensino médio a partir do Estágio Curricular Supervisionado

Marcos Flávio Alves Leite*

Introdução

Historicamente, no Brasil, o ensino médio foi marcado por um caráter dual. Por um lado, enfatizava a formação de mão de obra qualificada, de outro, um caráter propedêutico. Ao longo do século XX várias reformas não romperam com tais características, evidenciando a ausência de uma identidade para o ensino médio. Arroyo (2014) afirma que para pensar um projeto de reestruturação do ensino médio, de forma que contribua para a formação cidadã dos jovens estudantes, não podem vir de normas pensadas do “alto”, mas que considere as escolas e seus coletivos docentes e discentes.

Em 2011 foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Parecer CNE-CEB 05-11 que orienta para que o ensino médio seja ofertado de forma integral. Estabelece como princípios educativos e pedagógicos o trabalho e a pesquisa. Procure integrar a educação com as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura. Nesse sentido questionamos: o ensino médio ofertado na Escola Estadual Antônio Souza Martins, cumpre o que é proposto pelas Diretrizes? Como ensinar História de forma a contribuir para a formação crítica e cidadã dos jovens estudantes?

Nos limites deste texto procuramos analisar a produção e desenvolvimento de uma sequência didática trabalhada como jovens estudantes do primeiro ano do ensino médio, que tinha como intuito discutir a Inconfidência Mineira. O texto está organizado em duas partes: na primeira empreendemos algumas reflexões sobre o cenário e os sujeitos da pesquisa; na segunda parte registramos e analisamos o processo de desenvolvimento de uma sequência didática.



O espaço escolar e seus sujeitos

A Escola Estadual Antônio Souza Martins está situada na rua dezoito, número 2444, setor da cidade de Ituiutaba, MG, Brasil, CEP. 39300-072. Atualmente atende desde os anos finais do ensino fundamental até o ensino médio e educação de jovens e adultos. Fundada no ano de 1974 o espaço destinado ao aprendizado era denominado “Polivalente”, a escola propunha o ensino de primeiro grau e a proposta inicial era orientar para o início de profissionalização. Os estudantes passavam no primeiro ano do ensino médio por orientações que fossem possíveis para uma futura decisão nas duas séries finais do primeiro grau. Eram ofertadas disciplinas específicas para as áreas de educação para o lar, técnicas industriais, técnicas agrícolas, técnicas comerciais, área de ciências. Além das áreas específicas de conhecimento todas escolas polivalentes tinham outra prática que diferenciavam das outras escolas, os professores fixos nas salas de aula. Assim, os estudantes tinham que se direcionar ao fim de cada horário para as salas.

A escola funcionou com essas características por três anos. Em 1977 passou a se chamar Escola Estadual Antônio Souza Martins em homenagem a um ex prefeito da cidade. Contava com um corpo docente de 30 professores que eram formados em áreas específicas para atender as especificidades das escolas que tinham caráter de “Escola Modelo”. Os professores eram preparados pelo Programa Estadual de Melhoramento do Ensino (PREMEN) e o órgão responsável pela administração das escolas Polivalentes. Com o passar dos anos conforme os professores iam se transferindo, os novos professores não eram treinados para exercer tais áreas específicas de conhecimento, sendo assim, professores não formados nesse modelo de ensino assumiram as aulas o que levou gradualmente ao fim desse sistema de ensino. Uma vez que custava caro para os governantes e os mesmos já não tinham o interesse de manter esse modelo que custava muito aos cofres públicos. Com o fim do modelo Polivalente de ensino o prédio da escola corria o risco da inatividade devido à baixa demanda de estudantes do ensino fundamental, em contrapartida a demanda de estudantes do ensino médio da cidade de



Ituiutaba levou a criação, por meio do decreto 23.416/84 de 07/02/1984 o segundo grau. Nos dias atuais conhecido como Ensino Médio.

No ano de 2013, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, estudavam 1250 estudantes. Usualmente conta com o uso de dezesseis salas das dezenove salas de aula que o prédio possui, são oitenta e oito funcionários, entre professores, profissionais da cozinha, secretárias e conservação de limpeza. O prédio da escola conta com salas separadas para diretoria, secretariado, professores, laboratórios, sala de vídeo, biblioteca e rádio. Possui banheiros para os estudantes no pátio da escola, banheiros para funcionários e também na área designada para as práticas de educação física possuí vestiários. Os banheiros são adequados para estudantes com deficiência ou mobilidade reduzida. Conta com um pátio coberto e outro descoberto, quadras de esportes coberta e descoberta, despensa, cozinha e refeitório. Possui equipamentos eletrônicos para uso de professores em suas práticas pedagógicas, computadores, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamentos multimídias, TVs, filmadoras, máquinas fotográficas, antena parabólica, internet e telefones.

Segundo o PPP da escola é possível identificar o interesse da participação da comunidade escolar. Nos objetivos geral e nos específicos aparece a preocupação com os alunos provenientes do 9º ano do ensino fundamental, uma vez que grande parte desses estudantes estudavam em escolas municipais próximas ao Polivalente e que não oferecem ensino médio. Ao analisar o PPP da escola é notório que o ensino médio é pouco mencionado no documento, já o ensino fundamental o documento aborda alguns objetivos a serem desenvolvido e trabalhados.

A escola conta com apoio de alguns programas oferecidos pelo governo federal, como o Mais Educação que constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) o programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dedicam ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública.



O professor supervisor, ao longo dos estágios III e IV foi o professor Sidney Leopoldino da Mata, bacharelado e licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2013. É mestrando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UFU, sendo orientado pelo professor Astrogildo Fernandes da Silva Júnior, docente no curso de História da FACIP. Possui pós-graduação em Ensino de Jovens e Adultos – EJA, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM no ano de 2014. Atuou como professor da Educação Básica na Rede Estadual do município de Ituiutaba, Minas Gerais.

Por meio das observações foi possível identificar que o professor recorre ao uso de novas linguagens de ensino, como, música, teatro, poemas e filmes. Notei que educador faz o uso de analogias buscando assim ensinar história partindo do presente para que se procure compreender o passado, é uma maneira de tornar as aulas de histórias mais envolventes, é estimular o aluno a pensar e questionar o presente. Observações como essa contribuíram para que eu pensasse na regência de uma sequência que apliquei com duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental. Outro aspecto importante observado no professor é a maneira como ele aborda os conteúdos. Ele trabalha com a história-problema, apresentando conceitos e expondo para os estudantes, como a compreensão da história é importante para as nossas vidas hoje e no futuro. É importante fazer com que os alunos entendam que a compreensão do mundo em que vivemos se dá a partir da compreensão dos sistemas sociais do passado, do presente e deve ser levando em consideração também a participação dos alunos, pois assim eles podem construir senso crítico e se impor na sociedade como membro efetivo na construção da cidadania.

Durante o período de observação do estágio acompanhei as aulas de histórias ministradas pelo professor Sidney que se dedica apenas para as turmas do primeiro ano do ensino fundamental. A escola possui seis salas do primeiro ano do ensino médio, as turmas são caracterizadas por letras alfabéticas de A – F, segundo relato do próprio professor as salas são distribuídas aleatoriamente, não tendo classificação dos estudantes.



As turmas do primeiro ano do ensino médio, são turmas que contém matriculados uma média de 45 estudantes matriculados, porém durante as observações e relatos dos estudantes muitos alunos já abandonaram a escola e em outros casos faltam constantemente. Foi possível perceber que as salas de aulas contavam com maior número de estudantes do sexo feminino. As cadeiras das salas de aula estão organizadas em filas, devido ao espaço físico das salas não serem proporcional à quantidade de aluno, o professor ficava impossibilitado de transitar entre os alunos, porém percebi grande empenho do professor para que sua locomoção fosse realizada. Sabendo que o professor iniciou suas atividades na escola ainda no ano de 2016, percebi que o mesmo se relaciona muito bem com todos os estudantes, possibilitando assim exercer o papel do professor que se preocupa com esse ambiente multicultural. Sendo assim, durante suas aulas foi possível reafirmar o quanto esse espaço da sala de aula é multicultural, percebi que o professor não teve grandes dificuldades em lidar com esses espaços das diferenças. Nesse sentido compactuo com SILVA,

O professor, nesse contexto multicultural, “deve” estar além dos territórios e dos limites que o saber especializado representa no contexto da escola. Assim, “deve” ter a capacidade de interdisciplinarizar, de integrar, de incluir em contextos específicos os sujeitos e os saberes dos excluídos: negros, índios, pobres, homossexuais, portadores de deficiências físicas, mentais e outros (2000, p. 45).

O diálogo com sujeitos excluídos, dificilmente se efetiva, mas no caso do professor Sidney esse diálogo ocorre. Os estudantes são protagonistas de suas salas de aulas, sentem-se contemplados por poderem compartilhar suas experiências uns com os outros. O professor assume o papel de mediar as especificidades individuais de cada estudante fazendo assim com que a sala se torne um espaço plural de multiculturalidades e de aprendizado para todos.

A Inconfidência Mineira nas aulas de História do ensino médio: reflexões sobre a ação

Chamamos de sequência didática a forma de um planejamento que busca além de desenvolver conteúdos conceituais, os conteúdos procedimentais e atitudinais.



(ZABALA, 1998). Isso significa que os estudantes, além de compreender os conceitos básicos proporcionados pelo ensino de História, precisam dominar os procedimentos do historiador ao trabalhar com diferentes fontes e linguagens e mudar atitudes, ou seja, desenvolver o trabalho coletivo e o desenvolvimento da criticidade.

Produzimos uma sequência didática seguindo o planejamento do professor supervisor. Esta foi intitulada “A Relação dos Movimentos Sociais da Atualidade com o Movimento da Conjuração Mineira”. Esse planejamento das aulas foi pensando a partir do Eixo Temático I do CBC, que propõe trabalhar com o Mundo Moderno, Colonização e Relações Étnico-Raciais (1500-1808). O documento aborda no tema IV Das Crises do Sistema Colonial ao Período Joanino (CBC, p. 57). Nesse sentido, propusemos trabalhar diretamente com a Conjuração Mineira, buscando relacionar esse importante momento da História do nosso país com os acontecimentos que marcam nossos dias de hoje. Na perspectiva apresentada por Zabala (2008), evidenciamos no planejamento das aulas a importância de se trabalhar com os conteúdos conceituais, buscamos mobilizar para que os estudantes trabalhassem com os conceitos de Movimentos Sociais, Independência, Revolta, Revoluções, Liberalismo, Inconfidência, Conjuração, Sociedade e Sujeitos, afim de instigar os estudantes a aprofundar seus conhecimentos sobre determinados assuntos. Ao propormos os conteúdos procedimentais, intentamos desenvolver a leitura metódica e uma análise de documento literário (poesia). Os conteúdos atitudinais exploramos desenvolver a prática de expressar opiniões, o trabalhar em grupo, problematizar e desenvolver o senso crítico. A sequência didática foi trabalhada em três aulas de cinquenta minutos. Aplicamos o planejamento das aulas em duas turmas do primeiro ano do ensino médio. Essa escolha se deu a partir de reuniões com o professor supervisor do estágio.

A proposta da atividade constituiu em levar os estudantes a compreensão da crise do sistema colonial situada no período joanino e a relação com o ideário liberal. Inicialmente instigamos os estudantes exporem seus conhecimentos prévios sobre a Inconfidência Mineira. Esta preposição fundamenta-se em Seffner (2000), quando afirma que é imperativo recorrer a concepção dos estudantes ao ensinar história. A partir daí questionamos, onde eles obtiveram seus conhecimentos? É possível estabelecer



alguma relação com os movimentos sócias da atualidade? Onde eles obtiveram essas informações? O que leva uma população a se rebelar contra o poder político local?

No primeiro momento nos apresentamos para os estudantes, expusemos a temática a qual trabalharíamos e comunicamos a maneira que as aulas seriam organizadas. Na continuação, procuramos, através das vozes dos estudantes, conhecer e registrar sobre os saberes que eles possuíam sobre a Inconfidência Mineira. Organizamos os estudantes em grupo e distribuímos um roteiro de problematizações solicitando que produzissem um texto comentando quais exemplos de manifestações e movimentos populares que marcaram a história do Brasil.

Para avaliarmos as atividades elegemos as seguintes categorias: forma do texto produzido, lugar de onde tiraram as informações e o tipo de manifestações destacadas. Foram devolvidos onze trabalhos dos grupos. Em relação à primeira categoria estabelecida identificamos que dois grupos fizeram em forma de texto e os outros nove responderam em forma de tópicos. Registramos a seguir dois trabalhos:

Um dos principais motivos pela qual a população vem a se rebelar contra o poder político local é a insatisfação, seja pela má regência, por promessas não cumpridas ou por pura corrupção. As manifestações já existem a muitos séculos temos como exemplos o movimento de Independência do Brasil, que vem desde a Inconfidência Mineira onde houve uma grande luta pela liberdade, e outro exemplo recente é o movimento do Impeachment que ouve pela insatisfação governamental. Obtivemos esses conhecimentos nos anos de aula de história que tivemos e nos fatos de recentemente (Grupo 2, 1D).

- A insatisfação na garantia pelos seus direitos no meio social, na saúde, educação na infraestrutura das cidades.
- Inconfidência Mineira, Independencia do Brasil, impeachment, Movimento feminista, Movimento LGBT'S, Marcha da Maconha, Movimento dos direitos trabalhistas, Movimento estudantis.
- São grupos que lutam pelos seus ideais em busca de mudanças na política e na sociedade revolucionando estes.
- Atraves da internet, manchetes de jornais, tele-jornais, nas escolas. (Grupo 3, 1B)

Os registros dos estudantes apresentados foram mantidos propositalmente para nos atentarmos a algo que ficou evidente. Os trabalhos revelam lacunas na formação desses jovens que cursam o primeiro ano do ensino médio. Identificarmos vários erros ortográficos em seus trabalhos. Concordamos com Guido (2008) ao afirmar que ao longo do ensino fundamental os estudantes precisam dominar a escrita, a capacidade



argumentativa e discursiva. Consideramos que a escrita é de fundamental importância para a formação escolar e devemos avigorar que o ensino médio são os anos finais que preparam esses jovens estudantes para o ingresso na academia e até mesmo de inserção no mercado de trabalho. Essa constatação não nos isenta das responsabilidades de acharmos que estamos livres do papel de ensinar, ao contrário, esse fato nos reforça o compromisso que nós futuros professores carecemos com a formação política, cultural e social desses jovens.

Outro assunto que analisamos nessa primeira atividade, foram que todos os grupos citaram a importância dada a mídia como meio de conhecer sobre movimentos sociais e manifestações. Ou seja, enquanto professor é necessário conhecer os estudantes e procurar identificar que tipo de subsídios eles estão apropriando desses meios de comunicação. Pensando nesse sentido ao analisar as produções identificamos que quatro grupos citaram a escola ou o professor como fonte de conhecimento prévio. Dentre as atividades somente quatro grupos reconheceram a Inconfidência Mineira como um movimento social muito importante para a História do Brasil.

Na segunda aula trabalhamos inicialmente realizando uma revisão da aula anterior, estabelecendo um diálogo com os estudantes sobre o roteiro aplicado na aula anterior. Dando continuidade pedimos para que os estudantes se dividissem em duplas para realizamos a leitura metódica de um texto autoral intitulado “A CRISE DO SISTEMA COLONIAL NO BRASIL: A INCONFIDÊNCIA MINEIRA”. O texto trabalhado abordava um momento que a sociedade brasileira historicamente resistiu, manifestou e lutou contra a opressão. Destacava as questões políticas, econômicas, sociais e culturais que marcaram o período.

Realizamos a leitura em três etapas, primeiro foi feita a leitura silenciosa, no segundo momento da leitura metódica foi feita a leitura por todos em voz alta e por último uma leitura realizada por alguns estudantes. Logo em seguida desenvolvemos uma narrativa histórica estabelecendo um diálogo com os jovens estudantes. No final as duplas responderam a uma lista de exercícios relacionada ao texto.

Sobre a leitura metódica e reflexão do texto, apresentamos algumas notas de campo:



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Os alunos estabeleceram um diálogo ao longo do desenvolvimento da narrativa; realizaram a leitura metódica do texto, cumprindo a proposta da atividade. Alguns grupos destacaram o caráter elitista do movimento. Outros relacionaram a Inconfidência Mineira com as manifestações atuais [...] (Nota de Campo, 07/10/2016)

Ao final da atividade de leitura e exercícios de problematização consideramos satisfatória a participação dos estudantes nas duas turmas. Identificarmos que a leitura metódica e a postura do professor, envolvendo os jovens, mobiliza os estudantes a participarem das atividades propostas.

Na terceira e última aula da sequência proposta, retomamos inicialmente a revisão das aulas anteriores. Buscamos estabelecer um diálogo com os estudantes sobre o questionário aplicado na primeira aula juntamente com o texto e as atividades da segunda aula da sequência. Esta aula ocorreu na sala de áudio e vídeo. Recorremos ao uso do projetor multimídia para apresentar imagens da cidade de Ouro Preto (antiga Vila Rica), a intenção foi contextualizar a emoção que a poetiza Cecília Meireles sentiu ao visitar a cidade nas primeiras décadas do século XX. Posteriormente utilizamos como forma de material didático o uso da linguagem em forma de poesia. Segundo Guimarães,

O trabalho com poesias pode fornecer pistas para alargar a compreensão dos temas históricos, com beleza e sensibilidade. A incorporação de canções e poesias desperta o interesse dos alunos, motiva-os para as atividades, sensibiliza-os em relação aos diversos temas e desenvolve a criatividade. Não devem ser usadas apenas como ilustração ou recurso de motivação da turma, mas como fontes históricas produzidas por sujeitos históricos em determinados tempos e lugares (2012, p. 138).

É importante destacar que o trabalho com diferentes fontes e linguagens possibilita a religação de saberes. Na continuação da aula, evidenciamos o contexto de produção da obra e nos detivemos na leitura e análise de um fragmento. O recorte trabalhado destacava os momentos que antecederam o enforcamento de Tiradentes. Para isso, entregamos para os estudantes uma síntese da obra para auxiliar na análise do documento ao final da leitura da poesia. O trecho recortado da obra intitulado “O ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA”, faz parte de uma coletânea de poemas da escritora brasileira Cecília Meireles, publicada em 1953, que conta a História de Minas dos inícios da colonização. A Obra de Cecília Meireles exibe uma combinação de dados



históricos e elementos inventivos, de relato, homologação e diálogo, de planos temporais e espaciais. Um fio narrativo passa através dos 85 romances que compõe a obra sem que a ação se sobreponha à reflexão; cortes periódicos ora determinam a mudança de ambiente ou de figuras, ora permitem ao narrador surgir frente ao público e sugerir-lhe nova situação dramática. Obra panorâmica no mais legítimo sentido, o Romanceiro deixa perceber, entretanto, cinco partes bem definidas: a do ambiente, a da trama e frustração, a da morte de Cláudio e Tiradentes, a do infortúnio de Gonzaga e Alvarenga, e finalmente a da presença, no Brasil, da Rainha D. Maria.

Após esse momento foi distribuído para os estudantes uma ficha de análise que continha as seguintes questões: título da obra, autora, ano de publicação, o que abordava a obra? Ao que se referia o trecho a seguir: através de grossas portas, sentem-se luzes acesas, - e nas indagações minuciosas... o que a autora queria dizer no trecho em que questiona: mostram livros proibidos, sobre a questionamento: teriam recebido cartas de potências estrangeiras. Essas problematizações foram pensadas afim de que ao final pudéssemos analisar se os estudantes compreenderam e relacionaram os movimentos da atualidade com o conteúdo ensinado no espaço escolar.

Registrarmos, a seguir, parte de uma nota de campo:

[...] A atividade de análise por parte dos estudantes revelou a compreensão do conteúdo estudado, a importância da linguagem poética na sala de aula e a possibilidade de “outros olhares” sobre o fato histórico. (Nota de Campo, 14/10/2016).

Dessa forma evidenciamos a importância de se utilizar outras formas de linguagens dentro da sala de aula que procure sair da monotonia do dia a dia, porém admitimos que esse tipo de trabalho no decorrer do ano letivo seja laborioso.

Considerações finais

Chegou o momento de rever todo o processo. Refletir sobre nossa ação e registrar algumas considerações. Evidenciamos que o ensino médio não é tão desinteressante como tem sido noticiado nos últimos tempos. Ao contrário, o ensino médio precisa ser levado a sério. O descaso com esses jovens estudantes é que tem



potencializado o discurso de que os “jovens perdem interesse pela escola, acabam desistindo ou não aprendem o que deveriam”, falta investimentos financeiros, ações voltadas para a formação continuada dos professores, abrir as portas para a comunidade escolar, a fim de criar uma identidade dos seus jovens estudantes e a sociedade. As instituições escolares precisam de professores que sejam responsáveis e que estejam com vontade de ensinar e formar cidadãos com capacidade de criticar e compreender as transformações que enfrentamos.

Referências bibliográficas:

- GUIDO, Humberto. *A arte de aprender*: metodologia do trabalho escolar para a Educação Básica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História*: experiência, reflexões e aprendizado. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- SEFFENER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de história. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHIMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 257-288.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

* Bolsista do PIBID História – FACIP/UFU. E-mail: <mrcsflavio5@hotmail.com>.